

JESSICA BRODY

IMUTÁVEL



Tradução
Ryta Vinagre

ROCCO
JOVENS LEITORES

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

0. Antes

PARTE 1: O Desconhecido

1. Atualizada
2. Errada
3. Duplicada
4. Lembretes
5. Vigilante
6. Afortunada
7. Mais
8. Ameaças
9. Senso
10. Lacunas
11. Libertada
12. Desenterrado
13. Partida
14. Sequenciada

PARTE 2: A Revelação

15. Encapsulada
16. Reativa
17. Recepção
18. Ruínas
19. Silenciada
20. Produzida

21. Entrada
22. Manipulação
23. Renascimento
24. Convite
25. Indesejável
26. Convicção
27. Ruptura
28. Evocação
29. Convocada
30. Anormal
31. Paradoxo
32. Dividida

PARTE 3: O Esclarecimento

33. Purificada
34. Estranhos
35. Heroísmo
36. Líder
37. Offline
38. Componentes
39. Pretextos
40. Alimentada
41. Incentivos
42. Legado
43. Contaminada
44. Respostas
45. No Palco
46. Subtexto
47. Insultos
48. Herança
49. Suja
50. Ilógica
51. Pedidos
52. Surpresas

PARTE 4: A Ruína

53. Separada
54. Câmara
55. Abaixo

56. Rasgada
57. Tempestade
58. Travessia
59. Igualdade
60. Lamento
61. Esperançosa
62. Invasão
63. Feridas
64. Apelos
65. Reordenada
66. Convertida
67. Ela
68. Em Algum Lugar
69. Agora
70. Lenda
71. Luz
72. Desvendada
73. Semelhanças
74. Herdado
75. Favores
76. Fim
77. Mais Tarde

Agradecimentos

ANTES



A menina não lutou. Ela sabia que não fazia sentido. Observou o médico preparar a seringa, puxar o Cv9 para o êmbolo e inserir a agulha diretamente em sua veia.

É claro que havia meios mais modernos de injetar sedativos, mas ele preferia a sensação tátil da agulha. O leve estalo que produzia quando penetrava a pele. A pressão de forçar manualmente a droga na corrente sanguínea.

Ele podia confiar nos próprios dedos.

Não podia dizer o mesmo de muitas outras coisas.

– Não se preocupe – disse. – Não vai doer. E você não vai se lembrar de nada.

O soro fez efeito rapidamente. A dose era considerável. Enquanto resvalava para o sono, sua mente conteve um rosto. O rosto que ela desejava lembrar. E também desejava esquecer.

Ela acordaria acorrentada. Acordaria mudada.

Sabia disso.

O sorriso em seus lábios enquanto a mente escorregava para as trevas foi seu derradeiro ato de rebeldia.

O médico observava os sinais vitais em um monitor. Quando ela ficou inconsciente por completo, ele chamou o presidente.

O louro magro entrou na sala dez minutos depois, mancando, apoiado em uma bengala. Era um imenso progresso em relação à

cadeira mecânica que o transportava ontem mesmo.

– Ela está preparada – informou o médico.

O presidente, vacilante, contornou a beira da chapa de metal flutuante que sustentava a menina inconsciente. Sem pronunciar nem ao menos uma palavra, correu os olhos por ela. Um espectador ignorante até poderia descrever a expressão como de adoração, em particular quando ele estendeu a mão para tirar uma mecha de cabelo castanho-dourado do rosto da garota.

Porém, quanto mais a observava, menos inofensivo ficava seu olhar. Endurecia a cada segundo. Até que pedras azuis e geladas fitavam das órbitas em que antes estavam os olhos.

Ela o havia traído pela última vez. Ele não repetiria os mesmos erros novamente.

– Tenho um Codificador de Memória preparado – informou o médico. – Pedi uma limpeza completa a ser iniciada, a seu comando.

– Não. – A resposta do presidente foi rápida e severa.

O médico estava certo de ter entendido mal.

– Não?

– Já tentamos isso. Inúmeras vezes. E sempre nos leva de volta a este ponto.

– Mas certamente desta vez os codificadores podem...

O presidente o silenciou com um movimento trêmulo da mão.

– Ela guarda as memórias. Todas elas. Restaure tudo o que temos no bunker do servidor.

– Tudo?

– A culpa é uma arma poderosa. As memórias serão um lembrete constante de sua deslealdade. Sempre que ela pensar nele, quero que sinta essa traição. Diga ao codificador que realizaremos o novo procedimento.

O médico se retraiu.

– Senhor, com todo respeito, esse procedimento não foi plenamente testado e...

– É tudo por ora.

O médico ficou em um silêncio perplexo até que, por fim, conseguiu reconhecer verbalmente a ordem.

O presidente voltou o olhar para a menina, acariciando com delicadeza o rosto sedoso. Em seguida, para que o médico não pudesse ouvir, ele se abaixou e sussurrou em seu ouvido: “Desta vez você não terá o luxo do esquecimento.”

PARTE 1



O DESCONHECIDO

ATUALIZADA



UM ANO DEPOIS...

O ar é inclemente e escaldante chicoteando meu corpo enquanto atravesso o campo árido. Não há construções que façam frente ao vento do deserto, e hoje parece que ele está mais furioso do que nunca. Eu poderia ultrapassá-lo. Certamente sou capaz disso. Mas mantenho meu ritmo atual.

Não tenho pressa de chegar lá.

Daqui, o complexo é quase irreconhecível. Os caminhos bem-cuidados terminaram uns 800 metros atrás. As superfícies lustrosas e reflexivas do Setor Aeroespacial foram os últimos sinais de civilização.

Agora só tem...

O nada.

Mas me tranquiliza saber que as fortificações que marcam os limites ficam depois da colina a minha esquerda.

Houve um tempo em que os muros do complexo me prendiam lá dentro – quando eu pensava neles como muros de uma prisão e tentava fugir. Agora, é como se alguém tivesse levantado um véu de ilusão de meus olhos e eu finalmente enxergo a verdade.

Os muros existem para manter os outros *do lado de fora*.

Aqueles que não me entendem. Aqueles que querem me ferir. Aqueles que são diferentes de mim.

É claro que há muita gente deste lado do muro que é diferente de

mim, mas essas pessoas são confiáveis. Seus corpos e suas mentes talvez não sejam fortes como os meus, mas elas ainda pensam como eu. Ainda servem ao Objetivo.

Os arbustos secos estalam sob meus pés quando me aproximo do chalé. O muro de 3 metros do perímetro ainda se destaca, mas o portão não está mais trancado.

Corro a ponta dos dedos na superfície quente e impiedosa do concreto, sentindo as bordas ásperas formigando minha pele.

Ele costumava pular esses muros.

O garoto de minhas lembranças.

Foi assim que chegou a mim. Foi assim que invadiu meu mundo e corrompeu meu cérebro com concepções impossíveis. Sonhos impossíveis. Promessas de uma vida fora dessas barreiras.

Como se eu pudesse viver em qualquer outro lugar.

É a este lugar que pertenço. Sempre pertenci. E agora que minhas memórias foram restauradas e a verdade me foi revelada, meu cérebro é mais forte, meus objetivos voltaram a se fortalecer. Não sou mais suscetível a mentiras cativantes.

Não posso mais ser influenciada.

Eles me consertaram e me apresentaram a meu verdadeiro propósito. E sou grata por isso.

Abro o pesado portão de aço do que já foi o Setor Restrito e entro. O chalé branco é menor do que eu me lembrava. Como se encolhesse fisicamente a cada dia, sua importância diminuindo em minha mente. Esta é a primeira vez que o visito em mais de um ano. A primeira vez que consigo reunir forças para tanto.

Espero que hoje ele me lembre de onde comecei. Quem eu era. Até onde eu cheguei.

Não sou mais a garotinha vulnerável e ingênua que precisava ser trancada em uma jaula para a própria proteção.

Agora sou forte. Um membro plenamente funcional do Objetivo.

Uma soldada.

Mesmo que ele estivesse aqui, mesmo que tivesse encontrado um jeito de voltar, não importaria. Agora eu conseguiria resistir a ele. Nunca mais cairei presa em seus encantos.

Aquela menina idiota já era.

Eu sou a versão melhor.

A grama que cerca o chalé cresceu demais e está tostada a um tom de castanho pelo sol do deserto. Ninguém mais vem aqui. Não há motivos para isso. O Setor Restrito do complexo foi construído originalmente para me proteger do mundo. Mas, desde o anúncio da Revelação, três meses atrás, não preciso mais ser protegida.

Eu existo.

E o mundo sabe disso.

Agora o setor permanece abandonado. Todo o meu treinamento, os testes e a recreação acontecem em outros setores.

Quando passo pela porta de entrada da casa encontro os cômodos desertos. Devem tê-los esvaziado, redistribuindo a mobília a outras partes do complexo. Sem dúvida, aquelas poucas posses que eu tinha foram para o lixo. E é melhor assim. Aquela foi a época mais sombria da minha vida. Não quero lembranças.

Vou de um cômodo a outro, as pernas vacilantes e incertas sob meu corpo. Posso ter um colapso a qualquer instante pelo mero peso deste lugar. Mas me forço a continuar.

Paro no meio do que antes era a sala de estar e fecho os olhos. Sinto o cheiro de minha própria traição. Minha fraqueza está impregnada nestas paredes. Ela me dá ânsias de vômito, mas eu me obrigo a respirá-la, permitindo que se instale nos pulmões. A vergonha corre por meu corpo como um inseto frio. Odeio como fica horrenda dentro de mim, mas não luto. Não expulso nada. Só puxo mais para o fundo. Deixo que me sature.

É exatamente disso que preciso para saber que continuo forte. Focada. Comprometida. Este é um momento importante para o Objetivo. E não vou me permitir tropeçar de novo.

Lá fora, o sol já se põe, o globo dourado e reluzente beijando o horizonte cor-de-rosa. Quando vou à varanda, meu olhar é atraído para um trecho de grama amassada no outro lado do gramado. Sei, pelo acesso às memórias de minha vida antes da reabilitação, que havia um banco de mármore branco ali.

Antes de escaparmos, o garoto e eu costumávamos esconder coisas

embaixo do banco. Era nossa forma de comunicação sem que os cientistas soubessem.

Outro método de rebelião flagrante de minha parte.

Um novo assalto de culpa me esmurra o peito. Cerro os punhos e os dentes e absorvo a sensação, deixando que alimente o fogo da determinação que mantenho aceso o tempo todo em meu íntimo.

O banco sumiu há muito tempo, mas, estranhamente, algo me atrai ao lugar onde ele ficava. Como um campo de força magnético que me puxa para dentro, tornando-me impotente em seu domínio.

Será possível que ainda exista algo enterrado aí depois de todo esse tempo?

A ideia entra em minha mente antes que eu possa impedir, e sinto meus pés se arrastarem quando me aproximo, com a mente e o corpo em guerra.

Um pequeno objeto na grama, onde antes ficava o banco, chama minha atenção. Vou até lá e me abaixo, arrancando a pequena flor do chão e a levantando. A superfície branca e emplumada cintila quando atravessada pela luz evanescente do sol.

– Dente-de-leão – digo, acessando o nome correto em minha mente.

Sorrio pela facilidade com que a palavra me vem. Os uploads que recebo semanalmente me fornecem mais dados do que um dia vou precisar. Agora que sou digna de confiança, recebi permissão completa a todo conhecimento que eu desejar. Meu acesso aos dados não é mais limitado.

Procuro por mais informações e descubro rapidamente que um dente-de-leão é uma erva daninha erradicada graças aos progressos feitos no Setor Agrícola da Diotech.

Mas é evidente que não conseguiram eliminar todos.

– Erva daninha – digo com curiosidade, rolando o caule grosso e áspero entre o polegar e o indicador.

A memória da primeira vez que vi um deles explode em minha mente. Eu estava com ele. O garoto chamado Lyzender. Foi no dia em que nos conhecemos. Bem aqui, neste jardim.

Ele me disse para fazer um pedido.

Ele me disse muitas coisas.

“É mais bonita do que as outras plantas”, observo, segurando o caule.
Os olhos dele encontram os meus. Olhos castanhos infinitos. “Certamente é.”

Envolvo a flor branca e felpuda na palma da mão e aperto, esmagando as fibras macias. Quando abro os dedos, não resta nada além de uma polpa cinzenta e doentia.

– Quisera eu nunca ter caído – anuncio ao jardim vazio, passando a mão na perna da calça e deixando o caule seco no chão. Há um esmagar satisfatório quando meu sapato pisa nele. – Eu gostaria de nunca termos nos conhecido.

ERRADA



Pego o caminho mais longo de volta ao Setor Residencial, passando pelos hangares reluzentes do Aeroespacial, cujas superfícies sempre distorcem meu reflexo de maneiras inquietantes. Elas me transformam em um monstro desfigurado com um olho gigante e sem pescoço.

Sou uma das poucas pessoas que andam a pé pelo complexo. A maioria prefere usar um hovercraft, devido ao calor e à distância entre os setores, mas gosto sinceramente de caminhar. As distâncias não me incomodam e meu corpo foi projetado para suportar climas severos.

Antigamente eu gostava de andar pelo perímetro, junto das VersoTelas, para ver o mundo do outro lado. Mas, desde o anúncio da iminente Revelação, o mundo do outro lado é povoado por equipes de noticiários, manifestantes e gente que quer dar uma espiada do lado de dentro de nossos muros.

Embora eu saiba que eles não conseguem ver através delas – as telas são programadas para visibilidade em apenas uma via –, ainda me assusta atravessá-las. Sinto sua energia no ar feito moscas zumbindo em torno de uma carcaça morta. Há um caráter frenético em seu desespero que me deixa nervosa.

O dr. A diz que isso é normal. Que posso ter medo.

– O medo não é equivalente à fraqueza – afirmou. – Equivale à obediência. Você quer ser obediente, não quer?

Fiz que sim com a cabeça.

– Quero servir ao Objetivo.

Ele sorriu.

– Todos nós queremos. E sua desconfiança com relação a estranhos a manterá segura.

Mas sei que não conseguirei ficar oculta atrás desses muros por muito mais tempo. A Revelação acontecerá em dois dias. Então eles verão meu rosto. E então eles me conhecerão.

E, de todas, essa é a parte que mais me amedronta.

Atravesso o Setor Agrícola descrevendo um arco amplo em volta do álamo no canto. Jamais gostei dessa árvore. Parece um ogro velho e gorducho com membros distorcidos demais. E quando o sol se fragmenta pelos galhos no ângulo certo, juro que ouço a árvore gritar. Um barulho sombrio e penetrante que desaparece no segundo em que me viro. É como o fantasma de um eco.

Os aromas deliciosos de ervas amadurecidas saem dos dutos de ventilação do domo hidropônico enquanto caminho. O dr. A diz que um dia não precisaremos cultivar comida nenhuma. Os computadores conseguirão manipular moléculas a partir de matéria-prima e lhes dar a forma de qualquer coisa que quisermos comer.

– Mais ou menos como fizemos com você. – Ele gosta de dizer isso, como se eu fosse uma chapa quente de panquecas de supercerejas processadas por encomenda no nível molecular.

Gosto quando o dr. A fala do futuro. Sinaliza que o Objetivo será um sucesso. E, na verdade, não estamos muito longe disso. A Diotech já dominou a engenharia de carne sintética depois que o governo proibiu a criação de gado para fins alimentares, sete anos atrás. Aprendi sobre isso em um de meus uploads sobre a história da agricultura.

Daqui, com minha visão aperfeiçoada, posso ver até o portão noroeste, a entrada principal do complexo, onde se reuniu a maioria dos repórteres. Todos têm esperança de ganhar acesso ou encurralar alguém para uma entrevista a ser colocada no Feed. Sei que nunca conseguirão entrar. A força de segurança do diretor Raze é de primeira linha.

– Para que consigam chegar perto de você, princesa, terão que passar por cima do meu cadáver – diz ele, sempre com uma piscadela.

Ao sair do Setor Agrícola e me aproximar da arcada de metal polido do Setor Médico, paro quando uma sensação ranheta e familiar passa a me fazer cócegas na boca do estômago. Eu me viro, quase esperando encontrar alguém atrás de mim, mas não há ninguém ali.

Ainda assim, a sensação persiste.

Giro em um círculo lento, deixando que meus olhos impecáveis apontem para cada flor em vaso, cada teto curvo de cada prédio, cada folha de grama pelo caminho. Sinto os ombros mais rígidos, o corpo contraído.

O que está procurando?, pergunto em silêncio a mim mesma.

Mas não há resposta. Não posso responder à pergunta.

Nunca consigo responder à pergunta.

Tudo o que sei é que quase todo dia algo me obriga a olhar.

Certa vez perguntei ao dr. A sobre os buracos.

Ele pensou que eu me referia aos buracos que os roedores cavam no chão do deserto, fora do complexo, e me ofereceu um upload sobre habitats animais, mas neguei com a cabeça.

– Não. Quero dizer os buracos dentro de mim.

– Não existem buracos dentro de você, Sera – respondeu ele firmemente. – Eu a fiz perfeita, lembra?

Fiquei frustrada porque não consegui fazer com que ele entendesse.

– Está faltando alguma coisa. – Foi a única explicação em que consegui pensar.

– Não está faltando nada! – exclamou ele, a raiva inesperadamente faiscando em seus olhos. – Dei a você tudo que poderia pedir. É mal-afortunada por todos os luxos que tem aqui?

Imediatamente, entendi que havia dito o que não devia. Faço isso com frequência.

– Me desculpe – disse, desesperada para anular a angústia que causei nele. – Tem razão. Não está faltando nada. Sou muito agradecida.

Nunca mais perguntei a ele sobre buracos.

Corro pelo caminho do Setor Médico, com o cuidado de controlar meu ritmo. O dr. A diz que, ao andar pelo complexo, é importante que eu esconda meus aperfeiçoamentos o máximo possível, para não deixar ninguém constrangido.

À minha esquerda fica o prédio grandioso e rebuscado que abriga os laboratórios da memória. É de longe a maior e mais bem equipada estrutura do setor. Se as aparências são algum sinal de alocação de recursos, as memórias definitivamente estão no topo da lista de prioridades do dr. A.

E eu sei por quê.

Acontece muita coisa dentro dos muros desse complexo que o mundo lá fora nunca saberá. Tantos segredos são enterrados sob as superfícies lúzidas dos laboratórios, que é preciso mais do que apenas um pequeno exército para protegê-los.

Antigamente eu era um desses segredos.

A equipe do diretor Raze teve a tarefa de prevenir brechas. Mas o que acontece quando as medidas preventivas fracassam?

É aí que entram os Codificadores de Memória.

Ao passar, dou uma espiada pelas paredes de SintetiVidro no hall de entrada branco e imaculado que leva aos laboratórios onde Sevan Sidler e sua equipe de Codificadores de Memória trabalham para guardar os segredos da Diotech. O piso sintético é tão limpo que as pilastras de cada lado refletem em sua superfície, dando a impressão de que as colunas mergulham fundo do chão.

Tenho um arrepio e apresso o passo até impor uma distância considerável entre mim e o prédio. Ele sempre me parece sinistro. Pensar em todas as memórias que entram por essas portas e jamais saem. Inúmeros bytes de dados removidos da mente das pessoas e armazenados em um pod em algum lugar.

Quantos sonhos foram esquecidos ali?

Quantos beijos subtraídos? Amores removidos?

É quase como se eu pudesse sentir, sempre que entro nesses laboratórios, as memórias agarradas às paredes, tentando desesperadamente continuar lembradas.

De vez em quando, preciso entrar. Quando o dr. A ordena uma varredura de memória aleatória. Tirando isso, procuro ficar longe dali.

Pego a esquerda para a entrada dos jardins, mas, antes que chegue lá, ouço nitidamente passos atrás de mim.

Reduzo o ritmo, paro e me viro, procurando a origem, mas de novo

não tem ninguém. O caminho está vazio. A maioria dos cientistas ainda está no trabalho.

– Olá? – chamo.

Ninguém responde.

A primeira coisa que me passa pela cabeça é que um dos repórteres de fora dos portões contornou de algum jeito a equipe de segurança do diretor Raze e torce para me ver pelo menos de relance.

Mas, se for assim, por que se escondem de mim?

Espero, procurando por alguma centelha de movimento, mas o complexo está imóvel.

Apreensiva, dou meia-volta, concentrada em cada detalhe a meu redor. Ouço a respiração de alguém. Talvez a uns 15 metros. No máximo 30.

Retomo meus movimentos. Desta vez, não limito o ritmo. Corro. Com a maior velocidade que minhas pernas geneticamente aprimoradas podem chegar.

Mas não chego muito longe. No segundo em que ponho os pés no jardim, alguém me derruba no chão.

DUPLICADA



O agressor age com tanta rapidez que mal tenho tempo de processar o que está acontecendo. Em um minuto estou de pé e, no seguinte, prostrada de costas, com um corpo imenso pressionando o meu. Solto um grunhido ao bater a cabeça no chão.

Abro os olhos e pisco. Um rosto entra em foco. De formato oval, emoldurado por uma franja de cabelo louro-escuro e sedoso que cai na testa, ocultando os vibrantes olhos verde-azulados. Um sorriso endiabrado curva a boca rosa-clara e perfeita.

– Kaelen – digo, aliviada, soltando uma risadinha nervosa.

– *Jouw reflexen zijn traag.*

Tradução: seus reflexos são lentos.

Então ele passou ao holandês. Hoje de manhã, foi árabe.

– Não estava preparada para ser atacada no meio do jardim. – Eu me defendo na mesma língua sem pestanejar. Kaelen acha que pode me enganar, trocando de idiomas ao longo do dia. Não conseguiu nem uma vez.

– Exatamente o que eu quis dizer. Você deveria estar preparada sempre.

Solto um gemido e planto as duas mãos em seu peito, tentando empurrá-lo para longe de mim, mas ele não cede. Kaelen é mais forte do que eu. Sempre foi. É um ExGen de segunda geração, enquanto sou da primeira.

Ele gosta de brincar que é uma versão melhorada de mim.

Gosto de brincar que ele é só uma cópia inferior de uma obra-prima.

Ele sorri com malícia do meu esforço, gostando de me ver lutar.

Depois, segura minhas mãos e as prende ao lado de meus ombros.

– O que vai fazer agora? – Ele me incita, ainda em holandês fluente.

Suspiro, fingindo me resignar, deixando que meus músculos, braços e pernas relaxem embaixo dele, depois parto para outra tentativa de escapar.

Kaelen se limita a rir e ainda me prende sem muito esforço.

– Deplorável.

– Você é mais forte do que eu! – exclamo. – Não há nada que eu possa fazer.

– Pode retribuir meu beijo.

– O q...?

E então sua boca está na minha, impedindo que a palavra seja concluída. O beijo não é suave nem hesitante. Kaelen não age com suavidade ou hesitação. Ele age com ferocidade. Age com avidez. É imperioso. Seus lábios se abrem e ele libera parte do peso que seu corpo joga em mim.

Kaelen solta meus punhos e de imediato alcanço seu cabelo, adorando a sensação entre meus dedos. Mais macios do que deveria ser o cabelo humano. Eu o puxo para mais perto e ele responde instantaneamente aprofundando o beijo, lendo minha linguagem corporal com perfeição, como só ele sabe fazer.

Como ele sempre soube fazer.

Somos fluentes em cada idioma da Terra. Mas é a linguagem silenciosa entre nós que falamos melhor.

É isto que acontece quando vocês são Parceiros Duplicados – criados de dois projetos genéticos complementares. Quase dá para sentir o que o outro vai fazer antes da ação.

O dr. A diz que é como as almas gêmeas, mas sem a desilusão. Comprovou-se cientificamente que os Parceiros Duplicados são casais compatíveis, enquanto o conceito de “almas gêmeas” é só uma ideia inventada pela humanidade, muito tempo atrás, numa tentativa de explicar o inexplicável.